

Ninguém quis dar assinatura aos manifestantes

Milhares de estudantes estiveram ontem concentrados frente ao Ministério da Educação, protestando contra o projecto de reestruturação que se pretende impor às Faculdades de Letras.

A manifestação, que decorreu, a partir das 15 horas, num quarteirão da Rua Elias Garcia — o único local reservado pela PSP para o efeito — tinha como principal objectivo que o ministro ouveguem com responsabilidades: apusesse uma rubrica num acordo assinado em 7 e 8 deste mês, no Porto, por representantes dos estudantes e de todos os Conselhos Científicos das Faculdades de Letras.

No entanto, esta pretensão não seria satisfeita, uma vez que o ministro se encontrava ausente, em Lamego, e o secretário de Estado do Ensino Superior se recusou a receber a delegação representativa dos estudantes-manifestantes.

Eram 16 horas quando a delegação — constituída, maioritariamente, por elementos da Comissão Coordenadora dos Estudantes de Letras — conseguiu romper o cordão policial e entrar no Ministério. As 16.30 horas, um delegado da Secretaria de Estado do Ensino Superior comunicou aos estudantes que o máximo que se poderia arranjar era uma conversa entre dois elementos representativos de toda a Academia e a chefe do Gabinete do secretário de Estado, Helena Petiz.

Estas exigências por parte do Ministério seriam liminarmente recusadas pelos representantes dos estudantes, que comentaram, a propósito: «Mais um bocadinho e mandavam-nos ser recebidos por um continuo».

De preto mas com vida

Entretanto, cá fora, a manifestação não esmorecia e mantinha-se em tom entusiástico e enérgico.

Os estudantes, na sua maioria vestidos de preto, cantavam conhecidas melodias em novas versões, onde se dava conta do conteúdo das suas reivindicações. O popular «Maihão» era cantado com a seguinte letra: «O ministro, ministro / Que resposta é a tua? / Não saímos daqui / Não saímos daqui / Sem saíres à rua».

A imaginação foi um forte ingrediente da manifestação. Podemos observar, por exemplo, uma caixa de papelão, assegurada com um pau, cujo letrado se referia à situação a que todos os licenciados em Letras poderão estar sujeitos: «Recolha de fundos para a futura cooperativa de explicadores de português, a fundar com o patrocínio do MEC».

Ainda sobre o tema da ameaça de desemprego, que paira sobre o conjunto dos licenciados em Letras, outro cartaz dizia: «Analfabetos - 32%. Desempregados de Letras - 9 mil».

Ao que podemos verificar, esta manifestação não teve quaisquer intuítos violentos, e os elementos da Comissão Coordenadora referiram insistentemente aos representantes da Comunicação Social que «recusavam» a ideia de contágio e que a luta dos estudantes franceses ou espanhóis pouco ou nada tinha a ver com a sua.

Foram para plenário

Faltava um quarto de hora

para as cinco quando a delegação que tinha ido ao Ministério comunicou ao «grosso da coluna» que o seu objectivo não tinha sido conseguido, e que a manifestação se devia encaminhar, em cortejo, para a Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova, onde haveria um plenário para decidir de futuras formas de luta

a tomar.

O documento sobre o qual os estudantes queriam colocar a assinatura do ministro ou de outro alto funcionário da Educação consistia numa concordância conjunta dos Conselhos Científicos, Pedagógicos e estruturas representativas dos estudantes sobre a abolição dos «numerus clausus» de acesso

às vias de especialização e sobre a necessidade de o Ministério assegurar as verbas consideradas necessárias para o funcionamento dos cursos de formação.

As reuniões entre estudantes e representantes dos Conselhos Científicos das Faculdades de Letras prosseguem este fim-de-

semana em Coimbra, embora existam dificuldades originadas pela situação que se vive na Faculdade de Lisboa.

Nesta Faculdade, como ontem noticiámos, reina a confusão total, porque a par de todo o processo reivindicativo realizaram-se eleições para todos os órgãos de gestão da Escola.

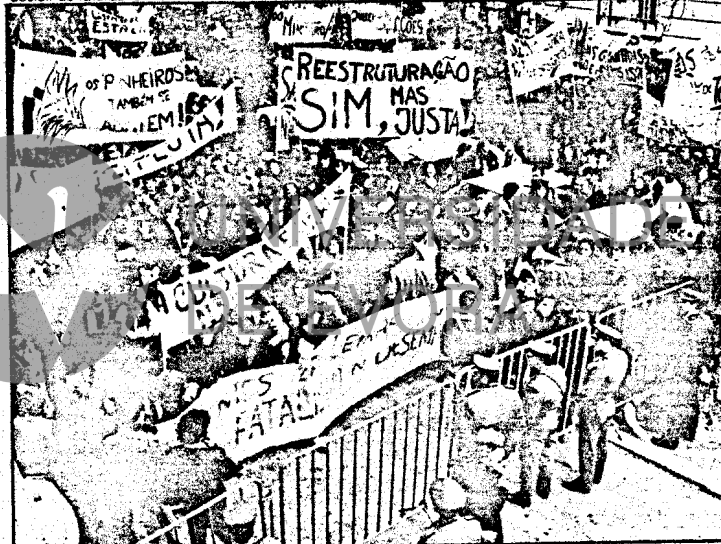
Quanto aos actos eleitorais que decorreram dentro da normalidade (Conselho Científico, Assembleia de Representantes e Conselho Pedagógico) eles vão originar, agora, um processo de substituição de alguns representantes nas comissões nacionais, nomeadamente na Comissão Paritária das Faculdades de Letras.

As eleições que levantaram mais problemas foram as correspondentes à escolha da Direcção Associativa. Depois da impugnação (contestada) do primeiro acto eleitoral, pela lista derrotada, realizou-se quinta-feira novo escrutínio, em que a lista inicialmente derrotada apareceu agora como vencedora por mais de 80 por cento de votos.

A situação é, de facto, confusa e não se sabe, neste momento, quem representa quem.

O documento assinado quinta-feira por representantes da actual Direcção e pelo ministro da Educação, e a que nos referimos na nossa edição de ontem, não é reconhecido pela lista que venceu o segundo acto eleitoral nem pela generalidade das academias representadas na manifestação.

A situação na Faculdade de Letras de Lisboa parece poder vir a causar problemas irreversíveis ao processo reivindicativo dos estudantes.



Estudantes de Letras de todo o País tentaram ontem em falar com o ministro da Educação. Acabaram por não ser recebidos por ninguém.

MINISTRO ESTAVA AUSENTE

Dia

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31

Conflicto - estudantes